

## A INDEPENDÊNCIA E A INTERDEPENDÊNCIA DAS IGREJAS BATISTAS

### - UM ALERTA AOS NOVOS REFORMADOS BATISTAS -

GILSON SANTOS

Na segunda metade do século XX ocorreu uma notável recuperação da *Fé Reformada*, que, tendo início nos países de língua inglesa, logo se espalhou pelo mundo. As *doutrinas da graça* são agora professadas por um progressivo número de pastores e igrejas, e têm exercido crescente influência junto a indivíduos e igrejas de convicção batista. Têm sido fatores de propagação da doutrina reformada entre batistas: a republicação da *Confissão de Fé de 1689*, a redistribuição de catecismos (como o *Spurgeon's Catechism* - Catecismo de Spurgeon), a publicação de livros de autores reformados, a edição de revistas específicas direcionadas a pastores e líderes, a realização de conferências e congressos, e a saudável influência de alguns docentes em instituições teológicas. Em diversos lugares, grupos de interesse têm sido criados para a reflexão e difusão da Fé Reformada, e até mesmo algumas associações de ministros e igrejas têm sido formadas.

No Brasil, alguns líderes de persuasão batista organizaram, em 2004, a CRBB – *Comunhão Reformada Batista no Brasil*, que tem sido um espaço de comunhão de indivíduos, e que, de alguma maneira, também tem repercutido nos relacionamentos entre igrejas, por meio de seu congresso anual – embora o desenho atual da CRBB não contemple a associação formal de igrejas.<sup>1</sup> Algumas igrejas batistas de persuasão reformada vêm já sentindo a necessidade de uma providência, cujo foco vital esteja na congregação local, direcionada ao empreendimento missionário e à capacitação de liderança ministerial. Observando as últimas décadas, podemos ver que mudanças significativas vêm ocorrendo, e entre elas, destacamos um retorno a uma teologia confessional. Alguns batistas que há bastante tempo ensinavam ser característico dos batistas a rejeição de credos, têm descoberto que seus ancestrais produziram numerosas confissões, das quais a de 1689 é a mais conhecida hoje. Em alguns lugares de nosso vasto território brasileiro, impulsionadas por um testemunho batista concernente à graça, novas igrejas estão sendo implantadas, embora por meio de processos bem diferentes, e resultando em realidades bastante diversas.

Se formos observadores lúcidos, perceberemos que, ao lado daquelas conquistas, há alguns assuntos merecedores de considerável preocupação. Um deles é que apesar da teologia Batista Calvinista em geral ter sido redescoberta nas últimas décadas, ela nem sempre tem sido combinada a uma redescoberta da eclesiologia, isto é, da doutrina da igreja esposada pelos antigos Batistas Particulares, no período formativo verificado no século XVII.

---

<sup>1</sup> Cf. *online*: [www.crbb.org.br](http://www.crbb.org.br)

## A IGREJA DE CRISTO

O vocábulo igreja é a tradução para o português da palavra grega *ecclesia*, que aparece mais de cem vezes no Novo Testamento grego, sendo que em cento e nove vezes, tem a significação cristã. Nos tempos apostólicos havia “a igreja em Jerusalém”, “a igreja dos tessalonicenses”, “a igreja de Deus que está em Corinto”, “a igreja dos laodicenses”, etc; havia, ademais, “as igrejas da Macedônia”, “as igrejas da Ásia”, “as igrejas da Judéia”. Uma igreja, portanto, não é um sistema de congregações confederadas debaixo de um governo central, mas é uma única congregação de discípulos cristãos congregados em pacto e reunidos com o fim de cultuar a Deus e difundir o reino de Cristo. Nesse sentido é que a palavra é comumente, e quase uniformemente, empregada no Novo Testamento.

O Senhor Jesus Cristo raramente usou a palavra “igreja” nos quatro Evangelhos. Quando, porém, a usou, referiu-se a ela como algo a ser visivelmente administrado sobre a terra (Mt 16.18-19; 18.15-18). Além disso, quando o Senhor exaltado fala em Apocalipse 2 e 3, é com o propósito de responsabilizar igrejas locais por difamarem ou preservarem a glória de Sua igreja. Em concordância com os ensinamentos do Senhor, os apóstolos estabeleceram as igrejas locais e deixaram instruções para o seu cuidado contínuo (At 14.21-23; 1 Tm 3.15; Tt 1.5). O apóstolo, escrevendo aos crentes coríntios, relembra-lhes: “Além das cousas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas” (2 Co 11.28). Observe que o apóstolo não diz toda a igreja como se fosse um corpo universal, e sim *todas as igrejas*. O uso principal do termo *ecclesia* no Novo Testamento é, pois, no sentido local.

Porém, no Novo Testamento encontramos a palavra *igreja* sendo empregada para designar o conjunto dos redimidos de todos os tempos, e, como propõem alguns exegetas, noutros lugares a palavra descreve genericamente a instituição (embora não como uma organização em particular). Por exemplo, quando Paulo diz: “Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela... para a apresentar a si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (Ef 5.25-27); também quando o escritor aos Hebreus escreve: “Mas chegastes ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembléia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus...” (Hb 12.22-23). Aqui, obviamente, a referência é a todos os salvos em Cristo. Nestas passagens o termo “igreja”, necessariamente, não pode restringir-se a uma única congregação de cristãos, reunidos em um lugar para adorar a Deus. No concílio em Jerusalém, os apóstolos disseram que Deus “visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome” (At 15.14). Pedro chama a comunhão de todos os crentes “a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido” (1 Pe 2.9). Paulo a classifica como “o Israel de Deus” (Gl 6.16; Fl 3.3; Rm 2.28-29). Jesus Cristo deu muitos pastores para muitos rebanhos, mas ele, como o Bom Pastor, tem um rebanho universal (Jo 10.16).

A *Confissão de Fé Batista de 1689* coloca isto nos seguintes termos, no capítulo 26:

1. A Igreja universal (ou católica), que com respeito à obra interna do Espírito, e da verdade da graça, pode ser chamada invisível, consiste no número total dos eleitos que já foram, estão sendo, ou ainda serão chamados em Cristo, o Cabeça de todos. A Igreja é a esposa, o corpo e a plenitude daquele que é tudo em todos.
2. Todas as pessoas ao redor do mundo, que professam fé no evangelho e obediência a Deus, mediante Cristo, de acordo com o evangelho, e que não destroem o seu testemunho com alguma doutrina fundamentalmente errada ou

conversão profana: esses podem ser chamados de os santos, de que se compõe a igreja visível; e todas as congregações deviam ser constituídas de pessoas assim.<sup>2</sup>

Paulo também menciona que perseguiu e assolou a Igreja de Deus (1 Co 15.9; Gl 1.13); diz ele aos Filipenses que, quanto ao zelo, foi “perseguidor da Igreja” (Fl 3.6). Em outras palavras, ele perseguia a Igreja onde quer que se encontrassem os membros das igrejas. À igreja em Éfeso ele escreve: “para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais” (Ef 3.10), e “a ele seja a glória, na Igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém” (3.21). Aos colossenses escreve: “preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a Igreja” (Cl 1.24). Novamente aos efésios: “E pôs todas as cousas debaixo dos pés e, para ser o cabeça sobre todas as cousas, o deu à Igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as cousas” (Ef 1.22-23).

Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular, no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito (Ef. 2.19-22).

Porém, ainda quando se fala da “Igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue”, também se recomenda que os presbíteros devem “pastoreá-la” (At 20.28). A “Igreja de Deus” é reconhecida pelas igrejas locais; quem quiser vê-la ou examiná-la ou mesmo pertencer a ela deve procurar uma igreja local. O Novo Testamento jamais fala de uma igreja universal como a soma total de todas as *igrejas* locais. Trata-se da totalidade de um povo redimido e não de uma organização de congregações locais. Em rigor, o termo Igreja, no singular, não tem a acepção de uma organização. A Confissão de 1689 avança em sua descrição da Igreja e das igrejas, no capítulo 26:

4. O Senhor Jesus Cristo é o Cabeça da Igreja. Por determinação do Pai, de uma maneira suprema e soberana, nEle está investido o poder de chamar, instituir, ordenar e governar a Igreja (...).

5. No exercício desse poder de que está investido, o Senhor Jesus chama a si aqueles que deste mundo lhe foram dados pelo Pai, através do ministério da Palavra, e por seu Espírito, a fim de que possam caminhar diante dEle, em todos os caminhos que Ele lhes prescreve na Palavra. E manda que as pessoas assim chamadas caminhem juntas, formando sociedades locais, as igrejas, para a edificação mútua e a devida performance do culto público que Ele requer dos seus neste mundo.

6. Os membros dessas igrejas são santos por chamamento, manifestando visivelmente e evidenciando a sua obediência ao chamado de Cristo, tanto por confessarem a Cristo, como, também, pelo seu modo de vida.

Os chamados consentem voluntariamente em ter comunhão uns com os outros, de acordo com o mandato de Cristo; e, por vontade de Deus, entregam-se uns aos outros e ao Senhor, submetendo-se às ordenanças do evangelho.

7. De acordo com a mente de Cristo, declarada na Palavra, Deus deu a cada uma dessas igrejas todo poder e autoridade necessários ao desempenho da forma de

<sup>2</sup> Acesse online em: [www.crbb.org.br/confissao\\_sem\\_transcricao\\_textos\\_prova.pdf](http://www.crbb.org.br/confissao_sem_transcricao_textos_prova.pdf)

adoração e de disciplina por Ele instituídas para a observância na igreja, com mandamentos e normas para a aplicação devida e o emprego correto desse poder.

8. Uma igreja local, reunida e completamente organizada de acordo com a mente de Cristo, consiste de oficiais e membros. Os oficiais designados por Cristo serão escolhidos e consagrados pela igreja congregada (...).

12. Todos os crentes têm a obrigação de congregar-se em igrejas locais, no local que lhes seja possível, e quando lhes seja possível. E todos os que são admitidos aos privilégios da comunhão na igreja estão também sujeitos à disciplina e ao governo da igreja, segundo a norma de Cristo.

### **A COMUNHÃO DE TODOS OS SANTOS EM CRISTO**

A comunhão de todos os santos (atente para a palavra “todos”) é descrita pela Confissão de 1689, no capítulo 27:

1. Todos os santos estão unidos a Jesus Cristo, o Cabeça, pelo Espírito e pela fé, e têm comunhão com Ele em suas graças, sofrimentos, morte, ressurreição e glória, muito embora isso não os torne uma só pessoa com Ele.

Estando unidos uns aos outros no amor, eles têm comunhão nos dons e nas graças de cada um; e *têm a obrigação* de cumprir os deveres públicos ou particulares que, de uma maneira ordeira, conduzam ao bem-estar comum, tanto em questões espirituais quanto materiais.

2. Os santos, ao fazerem sua profissão de fé, comprometem-se a manter uma santa associação e comunhão para adorar a Deus e prestar outros serviços espirituais, que tendam à sua mútua edificação; também têm compromisso de socorrer uns aos outros em coisas materiais, de acordo com as habilidades e as necessidades de cada um.

Esta comunhão, segundo a norma do evangelho, deve especialmente ser exercida no âmbito familiar e nas igrejas; mas, conforme Deus ofereça oportunidade para isso, também *deve* ser estendida a toda a família da fé, a todos os que, em todo lugar, invocam o nome do Senhor Jesus.

Entretanto, a comunhão de uns com os outros, como santos, não destrói nem infringe o direito ou a propriedade de cada pessoa, seus bens e possessões.

No capítulo anterior, a *Confissão de Fé de 1689* prevê:

14. Os membros de cada igreja local *devem* orar continuamente pelo bem e pela prosperidade de todas as igrejas de Cristo, em todo lugar. E devem trabalhar para a expansão da Igreja, em todas as ocasiões, exercendo cada um os seus dons e graças, na sua área de atuação, e de acordo com o seu chamamento. Portanto, as igrejas – quando dispostas pela providência de Deus de uma maneira em que isto seja possível – *devem* desfrutar da oportunidade e das vantagens de manterem comunhão entre si, a fim de promoverem a paz, o amor, e a edificação mútua.

15. Em caso de dificuldades ou divergências acerca de questões doutrinárias, ou do governo de igreja; se as igrejas em geral, ou se uma igreja está sendo perturbada em sua paz, união e edificação; ou se algum membro ou membros de alguma igreja for atingido por medidas disciplinares que não condizem com a

verdade e a norma – nestes casos, segundo a mente de Cristo, muitas igrejas *devem* reunir-se em comunhão, mediante representantes, para considerar e opinar sobre o assunto de divergência; e o seu parecer deve ser comunicado a todas as igrejas envolvidas.

Contudo, essa assembléia de representantes não fica investida de poder eclesiástico algum, propriamente dito, nem de qualquer jurisdição sobre as igrejas que a constituem. Ela não pode aplicar disciplina alguma sobre pessoas ou igrejas, e nem pode impor resoluções sobre as igrejas e seus oficiais.<sup>30</sup>

Uma leitura das Escrituras nos mostra que cada igreja de Cristo forma um corpo sob Cristo, seu único e mesmo cabeça (Ef 1.22; Cl 1.24; Ef 5.23; 2 Co 12.13). As igrejas neotestamentárias possuíam uma firme comunhão entre si no que se refere ao aconselhamento mútuo em assuntos difíceis e em controvérsias (At 15.1, 6, 24, 28; 16.4ss.); a igreja em Jerusalém mantinha comunhão com a de Antioquia, oferecendo-se para ajudar como pudesse; a comunhão entre as igrejas se expressava na doação e recebimento em caso de necessidade e pobreza (At 11.28-29; 1 Co 16.3; 2 Co 8.6,11,16-24); havia consulta e consentimento para a realização de trabalhos para Deus, com a escolha de mensageiros, etc. (2 Co 8.19); outros textos demonstram que havia ensinamento comum entre igrejas centralizado em doutrina e ética (1 Co 4.17; 14.33,36); o sustento de Paulo e de seus companheiros deveria ser motivo de preocupação das igrejas (2 Co 11.8-9; Fp 2.25, 4.15-18); e o apóstolo recomendou a igreja em Corinto que observasse o seu costume, e o das “igrejas de Deus” (1 Co 11.16). Além disto, os membros de uma determinada igreja mantinham comunhão entre si, e também com os membros das outras igrejas.

Algumas confissões de fé batistas recomendam que “as igrejas devem relacionar-se com as demais igrejas da mesma fé e ordem e cooperar, voluntariamente, nas atividades do reino de Deus”. A *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira* faz uma colocação importante:

Há também no Novo Testamento um outro sentido da palavra “igreja” em que ela aparece como a reunião universal dos remidos de todos os tempos, estabelecida por Jesus Cristo e sobre ele edificada, constituindo-se no corpo espiritual do Senhor, do qual ele mesmo é a cabeça. Sua unidade é de natureza espiritual e se expressa pelo amor fraternal, pela harmonia e cooperação *voluntária* na realização dos propósitos comuns do reino de Deus.<sup>3</sup>

O documento *Filosofia da Convenção Batista Brasileira* conclui que “a cooperação é a essência do sistema batista”, e que ela “é resultado da soma de vontades que livremente decidem pela união de forças para a realização de propósitos comuns”.<sup>4</sup> Uma razão para se falar de “cooperação voluntária” e de “vontades que livremente decidem” é salvaguardar a autonomia da igreja local. Ainda que, por um lado, estas expressões positivamente assinalem a autodeterminação das igrejas, por outro podem, eventualmente, conduzir alguém a conceber a cooperação como algo *opcional* e viabilizada por critérios pragmáticos. No Brasil, nós Batistas tendemos a enfatizar a independência da igreja local, sua autonomia sob Cristo, seu direito de cuidar de seus próprios assuntos, sem qualquer interferência externa. Obviamente, desde que a igreja local não consegue fazer algumas coisas tão eficazmente quanto um grupo de igrejas

<sup>3</sup> *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira*. Série Documentos Batistas. Rio de Janeiro: JUERP, 1986, pp. 14-15. Itálico meu.

<sup>4</sup> *Pacto e Comunhão*. Rio de Janeiro: Convenção Batista Brasileira – Departamento de Comunicação, 2004, p. 59.

cooperando mutuamente, desenvolvemos a teoria do que poderíamos chamar de *cooperação opcional*. Isto significa dizer que insistimos no fazer cooperativamente aquilo que consideramos difícil ou impossível realizar separadamente, como por exemplo, o sustento de missões estrangeiras, a tradução das Escrituras, a formação de escolas cristãs e assim sucessivamente. Em alguns contextos, tem-se recorrido ao princípio da cooperação quase que exclusivamente para justificar a existência e o sustento de alguma específica instituição cooperativa.

Nossos ancestrais batistas não negavam a independência da igreja local, como o artigo 36 da *Confissão Londrina de 1644* expõe claramente: “cada igreja tem o poder, dado por Cristo para o seu bem-estar”, de escolher os seus oficiais, e ninguém “tem o poder de impor” a ela esses oficiais. Porém, a independência da igreja local não era vista apenas como, na melhor das hipóteses, permissão de cooperação opcional com outras igrejas. Ao invés disto, o relacionamento entre as igrejas *da mesma fé e ordem* deveria ser conduzido *em todos os interesses necessários à Igreja*. Veja o artigo 47, conforme a edição de 1646:

Ainda que cada Congregação seja distinta, e que haja muitos Corpos, e que *cada igreja* seja uma Cidade compacta e unida em si mesma, todas as *igrejas* devem andar segundo uma única e mesma Regra, e *por todos os meios convenientes*, compartilhar conselhos e ajudar umas às outras *em todos os interesses necessários à Igreja*, como membros de um só corpo na mesma fé, sob Cristo sua única cabeça.<sup>5</sup>

Observe, cuidadosamente, qual deve ser o princípio motivador da associação entre as igrejas. Não se trata de uma cooperação pragmática, mas daquele *cuidado* que é a essência do amor cristão. Tal cuidado não é opcional. Ao contrário, é a própria lei ou o princípio de nosso vínculo e comunhão com Cristo. Isto significa dizer que ele flui de nossa união com Cristo, a cabeça da igreja, e é uma expressão dela. É óbvio porque tanta importância a isso foi atribuída pelos primeiros Batistas Particulares. A comunhão entre igrejas não é uma opção, tanto quanto não é para o crente a comunhão com os outros membros numa igreja local. É princípio inerente à íntima relação do crente com Cristo que ele seja membro de uma igreja local. Semelhantemente, é princípio inerente que as igrejas dos santos manifestem diligente cuidado umas pelas outras, se são elas igrejas de Cristo compostas por irmãos de fé. Não podemos ser vítimas do bairrismo, egoísmo e miopia espiritual. As igrejas são uma irmandade de fé, e devemos zelar por todas elas e ajudar àquelas que estiverem ao nosso alcance. Paulo sentia a cada dia “o cuidado de todas as igrejas” (2 Co 11.28). Há uma espiritualidade fraternal, na mesma fé em Cristo, de todas as igrejas debaixo da única e mesma cabeça, Cristo. Se há um sentido em que se pode dizer, corretamente, que a igreja local é independente, também há um sentido em que se deveria assumir uma interdependência entre as igrejas. A comunhão entre as igrejas é tão bíblica e indispensável como a existência das mesmas. Esta comunhão começa com a graça de Deus (2 Co 9.1,14-15) e redundava em muitas graças a Deus e na glória de Cristo (vs. 12-13). Mediada por uma postura ética consciente e madura, uma igreja não pode deixar de interessar-se pelo que é feito ou crido pela outra. O dever da cooperação é mais do que uma mera opção. É um imperativo! É nosso dever juntar-nos às demais igrejas de mesma fé e ordem e “possuirmos a terra”.

É evidente que nosso entendimento da relação entre igrejas é algo diferente. Comumente entendemos a independência da igreja local como impedimento de qualquer interferência nos assuntos de uma igreja irmã, por mais escandaloso que seu estado

<sup>5</sup> LUMPKIN, William L. *Baptist Confessions of Faith*. Philadelphia: The Judson Press, 1959, p. 169.

tenha se tornado. Certamente que nós batistas devemos assumir a autonomia de governo da congregação local, e reconhecer a integridade das igrejas; porém, assumimos também uma interdependência em matéria de fé e ordem. Com certeza, uma igreja não “pode aplicar disciplina interna sobre outra, e nem pode impor resoluções sobre seus oficiais”. Entretanto, não podemos assumir uma caricatura do governo congregacional e da independência da congregação local, comparando-os ao capricho de crianças mimadas e birrentas, batendo os pés na tentativa de fazer prevalecer os seus interesses particulares, nem a pseudo-independência de adolescentes presunçosos dizendo que “ninguém deve se meter na sua vida”. O auto-governo e a independência da igreja local é a vocação consciente do adulto amadurecido, em sua determinação e orientação própria, porém marcada por uma postura fraterna, humilde, respeitosa e altruísta, e reconhecedora de sua própria finitude. O chavão “você não pode interferir” tem sido uma receita padrão entre igrejas batistas para não se fazer nada, quando a honra de Cristo e o amor aos irmãos demandam que algo deva ser feito! Nossos pais Batistas Particulares não raciocinavam assim. Esta, aliás, foi a razão porque, desde cedo, eles formalizaram associações entre suas igrejas.

O princípio de amor e comunhão na Igreja pressupõe a necessidade de se manter a profissão do evangelho pura e limpa de escândalos indevidos. Toda igreja batista que tenha um mínimo de responsabilidade, compreende que precisa repreender os membros desordenados. Este princípio foi ensinado pelo próprio Senhor Jesus Cristo. Tolerar o pecado e a deserção da verdade por parte de um membro seria algo muito grave. Ficar indiferente ao escândalo da falta de testemunho e a deserção de uma ou mais igrejas não seria algo mais grave ainda? Em outras palavras, assim como tomar conta uns dos outros dentro da igreja é a coisa amorosa a se fazer, também as igrejas de mesma fé e ordem precisam e devem tomar conta umas das outras, a fim de manterem pura e livre de escândalo a profissão do evangelho. Certamente que deve haver uma postura ética consciente e madura para isto. Assim como um crente deve aceitar a admoestação de um outro crente, uma igreja deveria estar aberta à inquirição bíblica das outras igrejas irmãs em Cristo. Isto é nada menos do que uma expressão de amor, e uma manifestação prática da comunhão de todos os santos em Cristo.

### **A EXPERIÊNCIA DOS PRIMEIROS BATISTAS PARTICULARES**

David Kingdon, em um artigo publicado em 1988 na revista *Reformation Today*, conclui que, em linhas gerais, a redescoberta da teologia Batista Calvinista não tem coincidido com uma redescoberta da eclesiologia dos Batistas Particulares ingleses no seu período formativo.<sup>6</sup>

Alguns princípios fundamentais, expostos no encontro inaugural, realizado em outubro de 1652, do que agora é conhecido como *Associação de Abingdon*, chegavam a ponto de indicar que “a mesma relação que há entre membros de uma igreja há entre as igrejas”. Assim como membros particulares formam uma igreja particular sob a mesma cabeça, Cristo, “concluimos que toda igreja deve manifestar seu cuidado sobre as demais, como membros do mesmo corpo de Cristo, que se regozijam e choram uns com os outros de acordo com a lei da estreita relação que têm em Cristo”. O terceiro princípio declara que, “como evidência de seu amor para com todos os santos, a comunhão da igreja local nunca foi apontada como uma restrição de nosso amor, o qual deveria ser manifesto a todas as igrejas”. Chega a ser interessante observar que, apenas do quarto ao sexto

<sup>6</sup> KINGDON, David. “Independency and Interdependency of the Churches”. In: *Reformation Today*, nº 103, maio/junho de 1988, pp. 11-20.

princípio, extraídos das Escrituras pelos fundadores da *Associação de Abingdon*, é que nós chegamos a algo próximo do nosso moderno princípio de cooperação:

IV. O trabalho de Deus, ponto comum de interesse entre todas as igrejas, pode ser mais próspera e facilmente conduzido por uma combinação de orações e esforços.

V. Da carência que elas têm, ou podem ter umas das outras, de estimularem-se contra a mornidão, de ajudar em épocas de necessidade, participar de aconselhamentos em assuntos incertos e prevenir preconceitos entre si.

VI. Para convencer o mundo, pois assim os homens reconhecerão o sinal de que somos verdadeiras igrejas de Cristo.<sup>7</sup>

Atente, entretanto, que essa cooperação era entendida como cooperação na obra de Deus com a qual *todas* as igrejas estão comprometidas. Este é o ponto vital que queremos salientar. Em outras palavras, a cooperação não era vista em termos de se fazer junto o que não se pode fazer separado, mas em termos de cooperação na obra de Deus, com a qual todas as igrejas estão, inescapavelmente, comprometidas por princípio.

Kingdon, em seu artigo anteriormente mencionado, estabelece uma segunda proposição: até que redescubramos a *elesiologia* dos antigos Batistas Particulares é improvável que experimentemos a vitalidade e riqueza de sua vida associativa. Kingdon relembra que, por conta de sua *elesiologia* característica, os antigos Batistas Particulares, desde os seus primeiros passos como um grupo de igrejas nas ilhas britânicas, desenvolveram associações de igrejas em várias partes do Reino Unido. O autor passa a examinar a forma como as associações funcionavam e os assuntos com os quais elas se preocupavam, a fim de apreciar a expressão prática e a exteriorização de sua teologia.

O que fica bem claro em toda a empreitada associativa dos batistas era a intenção de que cada igreja estivesse ativamente envolvida e que a voz de cada uma fosse ouvida e pesada. As igrejas mais fracas, especialmente, foram encorajadas e ajudadas. Não raramente, algumas destas externavam sua “grande necessidade e séria vontade de serem supridas pela expressão da Palavra de Deus, por intermédio de irmãos capacitados”. A obra missionária através do discipulado e da plantação de igrejas, a comunhão através de orações, os encontros para estudos da Palavra de Deus, e a correspondências entre as igrejas eram atividades freqüentes e encorajadas. Os santos eram estimulados a “constantemente se informar sobre a condição dos irmãos e irmãs, e a terem cuidado especial no aconselhamento, repreensão, exortação e reprovação fiel uns aos outros”.

Através de mensageiros, as igrejas tomavam e compartilhavam aconselhamento. Por exemplo, na 13ª reunião da Associação de Abingdon, em 11 de janeiro de 1656, os mensageiros responderam a duas perguntas propostas por uma igreja: Como discernir conversões genuínas? O que fazer a respeito de casamentos mistos?<sup>8</sup> Outras questões eram levantadas sobre diversos assuntos, como por exemplo: a imposição de mãos no batismo, o dia no qual o sábado deveria ser observado, as relações sexuais entre casais noivos, o reconhecimento e investidura de presbíteros, o pagamento de honorários a ministros de igrejas estabelecidas, a prática de juramentos, e assim por diante. Quando as Escrituras eram pesquisadas sobre o assunto, e se chegava a uma decisão comum, era encaminhado um comunicado às várias igrejas na associação, a fim de que o discutissem

<sup>7</sup> WHITE, B. R. (Ed.). *Association Records of The Particular Baptists of England, Wales and Ireland to 1660*. Parte 3. “The Abingdon Association”. Londres: Baptist Historical Society, 1974, pp. 126-127.

<sup>8</sup> *Idem*.

em seus encontros. Às vezes uma igreja levantava questões relacionadas ao conselho recebido. Então, se necessário, na próxima reunião tal conselho era esclarecido ou corrigido. Desde que tais encontros eram freqüentes, havia constante compartilhamento entre as igrejas, resultando no alcance de um entendimento comum em muitos assuntos que poderiam ser causa de dissensões se deixados intocados. Conselhos eram solicitados também quando da formação de uma nova igreja, acerca de disputas ou divisões internas, acerca dos problemas surgidos entre igrejas vizinhas, etc. Finalmente, caso isto falhasse, acontecia de igrejas desordeiras serem publicamente advertidas pelas demais, repudiadas e até excluídas da associação.

### **ALGUMAS INFLUÊNCIAS SOBRE NOSSA ATUAL ECLESIOLOGIA**

Kingdon parece estar *substancialmente* correto, portanto, quando conclui que, em linhas gerais, a redescoberta da teologia Batista Calvinista não tem coincidido com uma redescoberta da eclesiologia dos Batistas Particulares no seu período formativo, quando as primeiras igrejas Batistas Particulares eram organizadas em números consideráveis. Ele sugere uma série de razões para isto. Destacamos a seguir algumas delas, e acrescentamos uma outra:

#### **1. Somos herdeiros do conceito de associação voluntária do século XIX.**

Associações voluntárias tornaram-se a ordem do dia no século XIX. Membresia estava à disposição dos que compartilhavam o mesmo entusiasmo pelas *Missões Cristãs*, pelos *Movimentos de Temperança*, ou por alguma organização voluntária do chamado “império benevolente”. Este *voluntarismo* afetou a vida da igreja extensamente, e o resultado é que tendemos a pensar em cooperação entre igrejas também em termos de alguma coisa voluntária; algo desejável, mas *não* algo pressuposto pela nossa própria doutrina da igreja como um dever sagrado, e do qual não podemos abdicar sem incorrer em pecado.

#### **2. Somos intensamente afetados pelo individualismo.**

Por vezes lamentamos o individualismo de determinados membros das igrejas, pois alguns não têm qualquer compromisso com o Corpo de Cristo, e outros, em nome da liberdade cristã, fazem sem qualquer escrúpulo aquilo que acham certo aos seus próprios olhos. Porém, poucos de nós querem reconhecer que o mesmo individualismo aflige nossas igrejas em seus relacionamentos com as outras. Levantamos a bandeira de nossa “independência” e agimos como se a nossa igreja local fosse o centro do universo, não manifestando qualquer cuidado ou preocupação pelas demais igrejas. Não raramente, nos lançamos a uma competição carnal e autofágica, refletindo, inclusive, o capitalismo selvagem e devorador que nos circunda, perpetuando seus padrões mundanos. Cada igreja faz o que acha certo aos seus olhos, e não consideramos a comunhão entre as igrejas, e o respeito devido às demais. Já não é incomum igrejas receberem membros oriundos de outras igrejas sem ao menos enviarem alguma correspondência, ou procederem a alguma satisfação básica. Em algumas comunidades moldadas por homens do tipo “*self made man*”, e que orbitam em torno de personalidades centralizadoras e individualistas, todo este quadro pode ser bastante vívido.

### **3. Muitos temem o poder do denominacionismo.**

Alguns líderes e igrejas de persuasão reformada batista têm reagido diante de denominações doutrinariamente misturadas, pulverizadas, e fortemente secularizadas, e alguns até mesmo têm saído delas, por vezes pagando um alto preço. Alguns se vêem precavidos contra a sacralização de certas filosofias, estruturas e programas não-bíblicos; outros se vêem temerosos diante da formação de pesados corpos administrativos/patrimoniais/financeiros, distantes da realidade das igrejas locais, em que muito desgaste é produzido a fim de viabilizá-los, de forma que perderam o seu status de *meios* e se converteram em *fins*; outros suspeitam de organismos de cooperação excessivamente centralizados, orbitando ao redor de personalidades que se vêem distantes do padrão pastoral e próximas do padrão executivo e empresarial; outros se ressentem de experiências amargas de intromissões pouco éticas, desrespeitosas, em suas congregações locais. Assim, compreensivelmente, alguns se vêem relutantes em estabelecer qualquer tipo de associação com outras igrejas, temendo voltar a uma situação da qual estão felizes por se verem livres. Nestas situações, parece natural concebermos a nossa preservação por meio da autonomia da igreja local, freqüentemente entendida em termos isolacionistas. Em que pesem todos aqueles fatores, o isolamento eclesiástico não é a solução bíblica, entretanto.

### **4. Muitos são vítimas da “teologia da reação”**

Com certeza, esta *renascença reformada* – que no Brasil não pode ser convenientemente denominada de “renascença” – representa uma reação. Nós reagimos justamente contra erros antibíblicos quando os vemos. Entretanto, temos nos indagado suficientemente se nossas reações, sempre e inevitavelmente, têm nos conduzido a uma compreensão mais firme da verdade bíblica? Por exemplo: a reação contra erros doutrinários em denominações secularizadas pode induzir ao isolamento antibíblico, e à rejeição de comunhão com qualquer igreja, e assim nos tornamos parte do padrão trágico de fragmentação que é tão característico dos dias atuais.

### **5. Herdamos uma eclesiologia fortemente landmarquista**

Um ponto que Kingdon não menciona, mas que julgamos importante para a compreensão de nossa realidade, é que, no Brasil, os batistas somos fortemente influenciados por uma leitura da história batista que se tornou muito influente no século XIX. Porém, antes de uma compreensão da história batista, tratava-se, muito mais, de uma interpretação específica da própria natureza da Igreja. O movimento apelidado de *landmarquismo* era caracterizado por uma particular eclesiologia. A verdadeira igreja teria algumas marcas distintivas que resultavam numa ênfase muito forte na congregação local. Desde os dias de Cristo teria havido uma sucessão histórica de verdadeiras igrejas, cujos nomes poderiam variar através dos anos, mas que eram identificadas como igrejas batistas. Os batistas teriam passado à margem da Reforma Protestante, não possuindo quaisquer vínculos históricos com ela. Os esforços landmarquistas buscavam, pois, confirmar uma linhagem histórica batista desde os tempos do Novo Testamento, dissociar os batistas do Protestantismo, e resistiam em reconhecer como válida qualquer ordenança realizada por igrejas evangélicas não-batistas. Tão forte tornou-se o landmarquismo que, no início do século XX, o sucessionismo batista casou-se com o fundamentalismo batista. Conquanto tenha legado alguns aspectos positivos, o landmarquismo acabou por contribuir para uma postura sectária da denominação, assim como ao seu engajamento numa ruidosa atitude competitiva. Não raramente, o conceito

mais amplo do povo de Deus foi substancialmente reduzido, e o congregacionalismo batista foi levado a um ponto extremo.

### O DESAFIO DA COOPERAÇÃO

Ainda que, eventualmente, alguns dentre nós possam divergir de Kingdon em alguma *consequência prática* que propõe para suas proposições, o fato é que encontramos no Novo Testamento evidência ampla de mútuo interesse e cooperação por parte das igrejas. Temos de admitir, porém, que absolutamente nenhuma indicação de que houvesse entre elas qualquer grande organização combinada. O interesse das igrejas umas nas outras se devia à sua fé comum, a qual os santos sustentavam através de grandes perigos em meio ao mundo judaico ou pagão; por causa de sua mais ampla relação de amor e lealdade em razão do seu serviço ao Mestre que lhes era comum; e por causa da vida comum de singular pureza e desapego do mundo que os destacava dos seus contemporâneos.

Visto que as igrejas são de Cristo e não nossas, nós que amamos a Cristo devemos amar as suas igrejas. Duas palavras podem ser úteis aqui neste ponto:

(i) Reconheça que as igrejas de Cristo vivem condições diferentes – O livro de Apocalipse, nos três primeiros capítulos, mostra Cristo “no meio dos sete castiçais de ouro”. Estes castiçais representam as sete igrejas (1.20), e o fato de serem de ouro demonstra a sua preciosidade. Quão importante é a igreja local! Para cada igreja (e eram igrejas reais), uma carta foi escrita. A realidade de cada igreja descreve as condições constantemente repetidas na própria existência das várias congregações ao longo da história. Apesar de terem sido enviadas a sete igrejas, que existiram numa mesma época e numa mesma região, a Ásia Menor, as cartas descrevem condições que ocorrem não em uma determinada época da história da Igreja, mas com frequência, e reais ainda hoje. Hendriksen propõe que esta seção do livro revela “o Cristo-residente” na Igreja.

O exaltado Filho do Homem, que foi morto mas que agora vive para sempre, está confortando a Igreja com Sua presença (1.13); revelando as coisas ocultas (3.1); reprovando o erro (2.4); ameaçando punir os que se opõem à verdade e à justiça, que se propõem a desencaminhar os que estão certos (2.6); aprovando o que é recomendável (2.2,3); prometendo recompensas (2.7); exortando severamente a Seus discípulos a que se arrependam de seus erros (3.18,19).<sup>9</sup>

Cristo demonstra cuidado pelas igrejas ao dirigir-se a cada uma de acordo com as suas necessidades. Ele mostra conhecimento detalhado das mesmas (“*conheço*”). Deve chamar a nossa atenção que, em cada igreja – com a única exceção de Laodicéia – Cristo encontra algo a elogiar. Em cinco das sete Ele encontra algo a condenar. As exceções são Esmirna e Filadélfia. Em Sardes a luz do castiçal está cada vez mais fraca. Logo a pequena chama se extinguiria por completo (Ap 3.2). Porém, mesmo em Sardes, Cristo aponta que havia “umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco comigo, pois são dignas” (vs. 4). À igreja em Laodicéia, Cristo diz: “Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te” (vs 19). Todas as igrejas são incluídas num chamamento universal à fidelidade e perseverança até que as promessas alcancem seu cumprimento na Jerusalém celestial.

(ii) Reconheça que há graus de maturidade – Na sua epístola aos efésios o apóstolo escreve acerca do ideal para o corpo de Cristo: “Até que todos cheguemos à

<sup>9</sup> HENDRIKSEN, William. *Mais que Vencedores*. São Paulo: Cultura Cristã, 1987, p.36-37.

unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro” (Ef 4.13-14). O ponto de chegada da jornada da Igreja é descrito de três modos: unidade da fé, pleno conhecimento do Filho de Deus, e perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo. Ele fala da “medida da estatura da plenitude de Cristo”. Certamente que devemos concordar que nem todos permanecem “bebês” em Cristo. Um certo grau – aliás, um alto grau – de maturidade pode ser alcançado ainda aqui e agora. E os crentes devem se esforçar por alcançá-la. “Não obstante, a maturidade espiritual em toda a sua plenitude que, em seu maior grau, atinge a medida da estatura da plenitude de Cristo, não pode ser atingida deste lado da vida”, conclui Hendriksen.<sup>10</sup> Paulo mesmo seria um dos primeiros a admitir isso (Rm 7.14; Fp 3.13-14). Ainda assim, as Escrituras ensinam, e a história da Igreja demonstra, que é possível chegar-se a um extraordinário crescimento em maturidade. O fato é que, como salienta Stott, “há graus de unidade, assim como há graus de santidade”. E ele escreve ainda:

A verdade se torna ríspida se não for equilibrada pelo amor; o amor torna-se frouxidão se não for fortalecido pela verdade. O apóstolo nos exorta a mantermos os dois juntos, o que não deve ser difícil para crentes cheios do Espírito Santo, visto que ele mesmo é o *Espírito da verdade*, e o seu primeiro fruto é o *amor*. Não há outro roteiro senão este para chegar a uma unidade cristã plenamente madura.<sup>11</sup>

Se as igrejas têm diante de si uma jornada, deveríamos nos regozijar com os êxitos logrados por nossos irmãos em todo o mundo e orar pelas igrejas de todo o mundo.

A experiência de cooperação entre *igrejas* pressupõe a comunhão. Por isto, em princípio, a cooperação é tanto mais estreita e viável quanto mais as igrejas possuírem comunhão de *fé e ordem*.<sup>12</sup> Em linhas gerais, há no cristianismo evangélico níveis diferenciados de comunhão, que vão desde o contexto íntimo da congregação local, passando pelas igrejas de *mesma fé e ordem*, e prosseguindo no relacionamento entre igrejas reformadas, entre igrejas evangélicas conservadoras... Embora não se deva exacerbar desnecessariamente esta realidade, parece que não há meio de simplesmente ignorá-la, sem incorrer no comprometimento da verdade e da consciência.

“Desconstrução”, “fragmentação” e “isolamento” são palavras comuns em nossa cultura pós-moderna. Buscando reverter este quadro, igrejas de mesma fé e ordem deveriam organizar encontros onde o assunto de interdependência seja examinado nas Escrituras. Meios devem ser criados visando ao compartilhamento de preocupações, confrontando assuntos que surgem na vida de nossas igrejas. A face de Deus deve ser buscada em favor de uma renovação da obra de seu Espírito. As melhores formas de encorajar o exercício e o desenvolvimento dos dons espirituais devem ser consideradas. As igrejas mais fortes deveriam mostrar amor prático, dispondo-se ao fortalecimento das mais fracas, e estas deveriam admitir sua fraqueza e receber ajuda. Esforços consistentes devem ser conduzidos no sentido de erguer sustento para a implantação de igrejas em áreas onde não há testemunho do evangelho, enviando homens adequadamente capacitados, treinados e sustentados.

<sup>10</sup> HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Efésios*. São Paulo: Cultura Cristã, 1992, p. 249.

<sup>11</sup> STOTT, John R. W. *A Mensagem de Efésios*, São Paulo: ABU Editora, 1986, p. 125.

<sup>12</sup> Para uma explanação deste conceito, consulte SANTOS, Gilson. *Fé e Ordem; Identidade e Unidade na História Batista – I*. Online: [http://www.gilsonsantos.com.br/pdfs/fe\\_e\\_ordem\\_1.pdf](http://www.gilsonsantos.com.br/pdfs/fe_e_ordem_1.pdf)

Até mesmo o ser membro desta ou daquela igreja deve ser decidido pelo nosso dever para com Cristo. Embora a membresia nalguma igreja que nos é querida seja-nos peculiarmente agradável, não obstante as exigências atuais da Causa de Cristo podem mostrar-nos a necessidade de nos ligarmos a uma outra igreja onde estejamos e onde exerçamos certa influência. E se isto tivermos de fazer, devemos fazê-lo alegremente. Onde quer que estejamos devemos prover-nos um lugar na fraternidade da igreja mais próxima. Uma igreja deve deste modo estar pronta a auxiliar outras igrejas com os seus membros. Devemos especialmente orar para que dentre nossos próprios membros se levantem obreiros treinados, pregadores ou “leigos”, os quais serão gratuitamente franqueados às igrejas em benefício de seu soerguimento na obra do Senhor.<sup>13</sup>

Está claro que hoje em dia estamos bastante afastados desse tipo de relação entre igrejas. Comece onde você está. A experiência batista parece demonstrar que iniciativas *locais* de cooperação entre igrejas de mesma fé e ordem têm sido bastante frutíferas, em vez de se começar com algum projeto nacional, geralmente remoto e distante do cotidiano da igreja local. O fato é que não podemos continuar como estamos – fragmentados e carentes de propósito verdadeiramente comum. Esta realidade é filha do século XX principalmente, e devemos almejar a sua superação. O isolacionismo eclesiástico carece de referências no Novo Testamento. Ele é bíblicamente repreensível, e constitui-se em obstáculo à promoção do Evangelho. Amemos as igrejas que Cristo ama. E que Ele nos conceda a sabedoria de que tanto carecemos nestes dias difíceis e confusos.

---

<sup>13</sup> NESS, I. J. Van. *Treinamento dos Membros da Igreja*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1959, pp. 96-97. Ligeira revisão de estilo pelo autor deste artigo.